

## Por uma pastoral-missional

**André Jorge Catalan Casagrande<sup>1</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-5705-0792>

Roger Chartier, historiador do livro e da leitura, observa que o suporte pelo qual o livro chega às mãos do leitor influenciará a recepção da obra. O suporte, do qual fala Chartier, diz respeito à forma final que o texto assume, uma vez que os originais não chegam aos leitores tais como vieram ao mundo, recebendo, antes, uma roupagem editorial. Assim, a leitura de um livro, seja ele qual for, inicia-se pelos paratextos: capa, quarta-capa, orelhas, título, índice, prefácio, nome do autor etc.

Dito isto, posso afirmar que a edição do último livro de Jorge Henrique Barro<sup>2</sup>, *Pastoral a caminho* (Thomas Nelson Brasil, 2022), tem uma roupagem primorosa, que chama a atenção do leitor. A capa apresenta três símbolos bíblicos: a sarça ardente, um monte e um cajado. Seriam essas marcas paratextuais, além do título, é claro, suficientes para descobrirmos de que assunto trata o livro? Possivelmente sim, pois o arbusto que pegava fogo e não se consumia é, sem dúvida, marca registrada do livro do Êxodo e da história de Moisés; muito embora o monte e o cajado – ambos recorrentes em todo o Antigo Testamento – não digam muita coisa sem uma especificação mais clara e definida. O subtítulo, por sua vez, resolve o problema: *Teologia e práxis pastoral a partir do chamado e ministério de Moisés*. O leitor tem, portanto, nas mãos um livro sobre o modelo pastoral exercido por Moisés.

Quando abrimos o livro nos deparamos com nada menos do que oito depoimentos escritos por diferentes autoridades em estudos teológicos do Brasil e do mundo sobre a obra em questão. O primeiro deles, escrito por Edilson Botelho Nogueira, doutor em missiologia, diz a que o livro veio: “*Pastoral a caminho* nos leva a enxergar no Êxodo e no ministério de Moisés uma prévia da Grande Comissão de Jesus registrada em Mateus 28”. Também pudera! Jorge Barro é um apaixonado por missão, de tal modo que consegue percebê-la até mesmo no Antigo Testamento. O objetivo de Deus ao libertar seu povo do Egito era, prioritariamente, missional, pois como apregoa o texto bíblico: “Deixa ir o meu povo, para que me sirva [...] para que seja o meu nome *anunciado* em toda a terra” (Êx 9:13-16).

Uma vez que iniciamos a resenha pela análise dos paratextos, não poderíamos deixar o sumário passar em branco. Ele se apresenta disposto na forma de um mapa, evocando a caminhada do povo pelo deserto. A imagem do sumário representa a pastoral

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e mestre em Ciências da Religião pela mesma instituição. Professor Colaborador do PPG em Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA). E-mail: [andre.casagrande@ftsa.edu.br](mailto:andre.casagrande@ftsa.edu.br).

<sup>2</sup> BARRO, Jorge Henrique. *Pastoral a Caminho: Teologia e práxis pastoral a partir do chamado e ministério de Moisés*. Thomas Nelson Brasil: Rio de Janeiro, 2022.

de Moisés, que segundo Barro, se dá no caminho à Terra Prometida. É no trajeto entre o Egito e a terra de Canaã que Moisés pastoreará o povo de Deus. De igual modo, os líderes hodiernos pastoreiam o rebanho de Cristo na jornada rumo à nova Canaã. A pastoral acontece na caminhada, no dia a dia, nos encontros e desencontros da vida.

Sigamos o percurso da pastoral disposta no mapa do sumário e transcrita por Jorge ao longo do livro. O início de tudo está no chamado de Moisés. Sabemos de sua hesitação. O anúncio da pastoral-missional mosaica não foi muito bem recepcionada por seu destinatário. Num primeiro momento, ele revela uma crise identitária: “Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel?” (Êx 3.11). Quando Moisés, no entanto, apresenta crise no que se concerne à sua incapacidade de fala e medo de ir ter com Faraó, Deus propõe que Arão, seu irmão, seja seu braço direito. Interessante a percepção de Jorge acerca da contemporaneidade deste trecho das Escrituras:

No ministério pastoral, enfrentamos muitas situações em que sentimos medo e precisamos de pessoas (amigos próximos) para nos ajudar a vencer nossas limitações e barreiras. Precisamos de “Arões” que estejam ao nosso lado. Bem-aventurados os que cultivam amizades! São muitos os pastores que dizem não ter amigos. Não é uma questão de ter ou não ter, mas de cultivar ou não cultivar (BARRO, 2022, p. 51).

No mundo pós-pandêmico, por exemplo, os casos de crise de ansiedade e pânico tiveram significativo aumento. Isso ocorre não apenas entre a parcela mais jovem da população brasileira e mundial, como também entre pessoas mais experimentadas e, até mesmo, entre líderes espirituais. Assim, cultivar amizades sinceras e verdadeiras ajuda a transpor momentos sombrios e difíceis ao longo da caminhada pastoral ou da pastoral a caminho. Além disso, podemos fazer referência à síndrome de *burnout*, conhecida como síndrome do esgotamento profissional. Da forma como colocado por Jorge, embora o responsável pelo cumprimento da missão fosse Moisés, tal qual referendado em Êxodo, ele teria alguém para compartilhar o fardo. Nas palavras de Barro: “A missão é de Moisés e não de Arão. Arão é alguém que ajudaria Moisés nesse processo” (BARRO, 2022, p. 51). A pastoral de Moisés se torna um pouco mais leve porque partilhada com seu amigo-irmão, Arão.

A seguir, o livro aborda a missão propriamente dita: libertar o povo de Israel da opressão egípcia. Neste momento, o autor faz um parêntese para relacionar pastoral e missão. Segundo ele,

[...] missão sem pastoral pode se transformar em ativismo-pragmático, que, por vezes, beira a irresponsabilidade por deixar de enxergar a tarefa cuidadora da pastoral. Em contrapartida, pastoral sem missão pode se transformar em manutenção daquilo e daqueles que foram alcançados, os domésticos da fé. A missão empurra a igreja para o mundo (*ad extra*, ‘para fora’); a pastoral cuida e alimenta a comunidade de fé (*ad intra*, ‘para dentro’) (BARRO, 2022, p. 59).

Moisés é agente pastoral-missional. Sua missão consiste tanto em pastorear o povo de Israel ao longo de quarenta anos pelo deserto quanto em fazer com que o nome de Deus seja conhecido em toda a terra. Isso fica claro no anúncio da sétima praga, a chuva de pedras: “Disse o Senhor a Moisés, levanta-te pela manhã cedo, apresenta-te a Faraó e dize-lhe [...] Deixa meu povo ir para que me sirva [...] e para que seja o meu nome anunciado em toda a terra” (Êx 9.13-16). O poder de Deus revelado por meio das pragas e da libertação de seu povo do Egito tornaria o seu nome conhecido em toda a terra. Ao citar esta passagem das Escrituras veterotestamentárias, Jorge Barro chama a atenção para o fato impressionante de “muitas pessoas não conseguirem enxergar missão no Antigo Testamento” (2022, p. 61).

A libertação, primeiro passo da caminhada pastoral-missional de Moisés, é libertar o povo da opressão. O que revela o amor de um Deus que não tolera ver seu povo oprimido. O segundo passo é, por meio da aliança mosaica, se tornar um povo que abençoa todas as nações da terra. A escolha de Israel não se dá em detrimento a outros povos, mas, sim, em cumprimento de sua missão sacerdotal a todas as nações. O terceiro passo da práxis pastoral de Moisés é, segundo o autor, “tornar Israel obediente aos mandamentos de Deus” (2022, p. 106). A grande dificuldade era desconstruir a cosmovisão idolátrica do povo egípcio incutida nos hebreus por cerca de 430 anos. A quarta e última tarefa da pastoral-missional é a instrução do povo quanto à presença de Deus. O Tabernáculo, exigência divina, consistia em sua habitação no meio de seu povo: “E me farão um santuário, para que eu possa habitar no meio deles” (Êx 25.8). Deus libertou Israel e formalizou sua aliança para habitar no meio do povo e, por meio deles, tornar seu nome conhecido em toda a terra. Deste modo, Jorge Barro resume a caminhada pastoral-missional da seguinte forma: “1. Libertação, porque *Deus nos ama*; 2. Aliança, porque *Deus nos une*; 3. Lei, porque *Deus nos ensina*; 4. Tabernáculo, porque *Deus nos habita*” (BARRO, 2022, p. 126).

*Pastoral a caminho* será lido com proveito por pastores, presbíteros, diáconos, seminaristas, bem como por qualquer cristão que desejar bem exercer o sacerdócio universal, para o qual todos os que estão em Cristo foram chamados. Como pontua Barro, o povo de Israel foi liberto do Egito para ser reino de sacerdotes para todas as nações, conforme Êxodo 19.5,6. De modo que, por meio da aliança entre Deus e Israel todas as nações da terra seriam abençoadas. A nação israelita – como um todo – se constituiria de sacerdotes do Deus Altíssimo para agraciar os demais povos da terra. Tal qual o sacerdote servia a Israel, Israel deveria servir às nações ao seu redor. Eis aí a perspectiva pastoral-missional do livro: “Missão sem pastoral pode se transformar em ativismo-pragmático [...] pastoral sem missão pode se transformar em manutenção daquilo e daqueles que foram alcançados, os domésticos da fé” (Barro, 2022, p. 59).

A pastoral de Moisés, no entanto, perpassa o plano meramente espiritual, operando também no plano político, social e econômico. Depois de 430 anos sendo

oprimido e explorado no Egito, Deus poderia simplesmente oferecer um alento espiritual ao povo de Israel. Todavia, a libertação de Deus é integral. Segundo Barro, “Deus libertou seu povo porque este estava debaixo do jugo religioso (espiritual), social, econômico, político e cultural” (Barro, 2022, p. 156). A opressão contemporânea também não é apenas espiritual, ocorrendo, sobretudo, em outras esferas da vida. Destarte, a fim de trilharmos o caminho pastoral-missional de Moisés, proposto por Barro, devemos ser mais sensíveis ao fato de que o problema da opressão israelita no Egito ia muito além do âmbito espiritual.